



# ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses  
Volume 73

---

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,  
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**73**

Ano de Edição

**2022**

Ano Associativo AAP

**2021**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e Andrea Martins**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia da capa

**Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.  
Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval  
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais  
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita  
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado  
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga  
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade  
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas  
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)  
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão  
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X  
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)  
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)  
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus  
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves  
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X  
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada  
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica  
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M<sup>a</sup>. José Gonçalves, Susana Gómez

## **ARTIGOS**

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas  
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)  
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

## **COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR**

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior  
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...  
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016  
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016  
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior  
Elisabete Martins Robalo

## **RELATÓRIOS**

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021  
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021  
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3<sup>o</sup> milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# TROIA E A OCUPAÇÃO TARDO-ANTIGA NO BAIXO VALE DO SADO

---

Ana Patrícia Magalhães

CECH – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra / Investigadora FCT (SFRH/BD/145422/2019) /  
a.patriciamagalhaes@gmail.com

## **Resumo**

O centro de produção de preparados piscícolas do Baixo Vale do Sado foi um dos maiores do Império Romano, exportando e recebendo mercadorias com grande dinamismo entre o século I e o século V d. C. O colapso da produção de salgas verifica-se a partir do segundo quartel do séc. V d. C., mas o estudo da cerâmica das escavações realizadas no séc. XX revela a existência, ainda que esparsa, de peças de importação mais tardia, cuja datação pode atingir o séc. VII d.C.

O sucesso e a longevidade deste centro produtor terão sido determinados pela complementaridade económica vivida entre as duas margens, com olarias, fábricas, salinas e portos de pesca, essenciais para o negócio das salgas e molhos de peixe.

**Palavras-chave:** Antiguidade Tardia, Lusitânia, Troia, Baixo Vale do Sado, Preparados Piscícolas, Comércio.

## **Abstract**

The fish salting production centre of the Low Sado Valley was one of the largest of the Roman Empire, importing and exporting merchandise with a strong dynamism between the 1<sup>st</sup> and the 5<sup>th</sup> century. The collapse of the fish salting production is recognised from the 2<sup>nd</sup> quarter of the 5<sup>th</sup> century, but the ceramic study from the excavations of the 20<sup>th</sup> century reveals the existence, even if infrequent, of late imported vessels that might reach the 7<sup>th</sup> century.

The progress and longevity of this production centre came out from the economic complementarity that existed between the two margins, with pottery kilns, fish salting workshops, salt marshes and fishing harbours, decisive for the salted fish and fish sauces business.

**Keywords:** Late Antiquity, Lusitania, Troia, Lower Sado River Valley, Fish-salting, Trade.

## 1. INTRODUÇÃO

O rio Sado e a sua biodiversidade constituíram o cenário geográfico ideal para a ocupação romana das suas margens, que aproveitou os recursos naturais aí existentes, numa rede de povoamento complementar, formada por cidades e pequenos núcleos dependentes com atividades diversificadas, com destaque para a produção de ânforas e de preparados piscícolas, direta ou indiretamente associadas (Figura 1).



Figura 1 – O estuário do Sado em época romana (adaptado de Soares & Tavares da Silva, 2018, p. 15, fig. 6).

Troia foi o expoente máximo da produção de preparados piscícolas no Baixo Vale do Sado, com 25 oficinas de salga publicadas e outras por caracterizar, perfazendo 1429 m<sup>3</sup> de capacidade de produção, que lhe confere o estatuto de maior centro de produção de preparados de peixe conhecido até ao momento no Império Romano (Pinto, Magalhães & Brum, 2014, p. 150, fig. 11). Para além dos edifícios de tipologia “industrial” foram ainda descobertas termas, uma área residencial, basílica e várias necrópoles, característicos de um aglomerado que alcançou carácter urbano (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994).

Alcácer do Sal, *Salacia*, a capital da *civitas*, seria o principal porto a ocidente de Cádiz (Alarcão, 2011), mas os dados conhecidos indicam o seu declínio no Baixo-Império (Viegas, 2014 e Pimenta, Sepúlveda & Ferreira, 2015), quando é aparentemente substituída por Setúbal, *Caetobriga*, na embocadura do Sado, e que poderá ter constituído uma cidade polinucleada, associada a Troia, onde se centralizaria o polo industrial (Soares & Tavares da Silva, 2018, p. 15-16).

Na margem direita do rio Sado existe ainda um conjunto de olarias (Mayet, Schmitt & Tavares da Silva, 1996; Mayet & Tavares da Silva, 1998) e de *villae*, com fábrica de salga, ou com *pars rustica* (Faria, 2002), que complementam a leitura deste território. Para além dos

sítios arqueológicos conhecidos haverá outros por descobrir, assim como um conjunto de salinas, muito provavelmente nos mesmos locais das que eram usadas no século XIX e na primeira metade do séc. XX, e que seriam indispensáveis às atividades subsidiárias da prática haliêutica.

## 2. CONTEXTOS TARDIOS DE TROIA

O faseamento do Complexo Industrial corresponde ainda, de grosso modo, à interpretação de R. Étienne, Y Makaroun e F. Mayet, que estabeleceram três fases de ocupação/atividade de produção. A terceira e última fase foi integrada entre os séc. IV e V d.C. (1994) e, como veremos adiante, tem vindo a ser afinada e sistematizada pelos contextos recentemente escavados em Troia (Pinto, Magalhães & Brum, 2016; Magalhães, Pinto & Brum, 2020).

O Projeto de Valorização que a empresa Troiarsort – Investimentos Turísticos, S.A. tem desenvolvido sob a direção de Inês Vaz Pinto desde 2006 reativou as intervenções arqueológicas no sítio, possibilitando um conhecimento cada vez mais completo e abrangente do complexo industrial romano de Troia (Figura 2).

Algumas paredes mais grosseiras sobre áreas de produção já abandonadas, nomeadamente na Oficina 2, confirmam a sua reutilização posterior, e evidenciam outra(s) fase(s), pós-produção de salgas de peixe, pelo menos numa ótica de exportação em larga escala (Pinto, Magalhães & Brum, 2014; Pinto, Magalhães & Brum, 2016: 326-327).

Apresentam-se os contextos tardios escavados pela equipa de arqueologia da Troiarsort, e na qual a autora se integra, que sejam mais relevantes para a caracterização dos derradeiros momentos de ocupação de Troia. Pontualmente, será referido um contexto das escavações luso-francesas e outro das campanhas sob a direção de M. Heleno, passíveis de enquadramento e que reatam a interpretação arqueológica dessas áreas.

### 2.1. O aglomerado urbano

A riqueza e prosperidade que se denota na terceira fase de produção, é visível não só pela quantidade de cerâmicas importadas no séc. IV mas pelo investimento em dois núcleos principais, a área residencial da Rua da Princesa e a denominada basílica paleocristã.

O núcleo imortalizado como Rua da Princesa dá o nome à única área residencial conhecida em Troia. Esta área foi interpretada como uma *domus* por J. de Alarcão (2011, p. 337), e apesar de ter sido o primeiro núcleo a ser escavado no sítio arqueológico de Troia,

CRONOLOGIA	CONTEXTOS	CERÂMICAS	
<b>Finais do IV/ Princípio do séc. V</b>	Tanque 19 da Oficina 1	Ânfora: regional (Almagro 50, Almagro 51c e Sado 1 var. A e B). <i>Terra Sigillata</i> : TSA C (Hayes 52 B e Hayes 71) e TSA D (Hayes 59 B, Hayes 61 A e Hayes 67 B e El Mahrine 14).	
	Último piso da Oficina 1 (U.E. [490])	Ânfora: africana (Africana I, Keay 25.2 e 25.3) e regional (Almagro 51c var. B e C e Sado 1 var. B). <i>Terra Sigillata</i> : TSA D (Hayes 67 B). Lucernas: africana ( <i>Atlante</i> VIII).	
<b>Séc. V</b>	<b>2º quartel do séc. V</b>	Lixeiras da Oficina 1 (U.E. [488] e [519])	Ânfora: Mediterrâneo oriental e levantino (Late Roman 1a); bética (Dressel 23 e Keay 16); africana (Africana IID, Keay 25 e Keay 35 B) e regional (Almagro 50, Almagro 51c var. B e C, Sado 1 var. A e B, Sado 2, Sado 3, Lusitana 9 e 10, "Sado 4" e Almagro 51a-b var. A). <i>Terra Sigillata</i> : TSG (Drag. 27); TSH (Drag. 27); TSA D (Hayes 59 A e B, Hayes 60, Hayes 61 A, A/B1, A/B3 e próx. A/B4, Hayes 67 A e B e El Mahrine 14, Hayes 62/El Mahrine 5, Hayes 62/64, variante Fulford 6, Hayes 63, Hayes 71, Hayes 73, Hayes 76; Hayes 80 A e B/81 B e Hayes 91). Lamps: africana ( <i>Atlante</i> VIII A1 a-b/A2a e B). CAC: Hayes 182 C e Hayes 197.
		Tanque 5 da Oficina 2 (U.E. [232])	Ânfora: bética (Keay 19) e regional (Almagro 51c, Almagro 51a-b var. A). <i>Terra Sigillata</i> : TSA D (Hayes 59 B, Hayes 63, Hayes 67 A e Hayes 76) e TSL (Lamb. 1/3).
		Tanque 1 da Oficina 2 (U.E.'s [144]; [152]; [157]; [158]; [165]; [176]; [183] [191] e [193])	Ânfora: africana (Keay 25.2); bética (Keay 16, Keay 19 e Keay 23) e regional (Almagro 51c var. A, B e C). <i>Terra Sigillata</i> : TSH (Drag. 27); TSA D (Hayes 59 B, 61 A e A/B4, El Mahrine 14, Hayes 63, Hayes 71 e Hayes 76). CAC: Hayes 195 e Hayes 197.
		Tanque 13 da Oficina 1	Ânfora: regional (Almagro 51c B e C). <i>Terra Sigillata</i> : TSA D (El Mahrine 14; Hayes 70var., Hayes 80 A e Hayes 91 A/B) e TSHt (Drag. 37t).
	<b>2º quartel/ 3º quartel do séc. V</b>	Tanque 7c da Oficina 2 (U.E.'s [215], [219] e [223])	Ânfora: bética (Keay 19) e regional (Sado 1, Almagro 51c var. B e C, Almagro 51a-b var. A e B e Lusitana 10). <i>Terra Sigillata</i> : TSA C (Hayes 73 A) e TSA D (Hayes 80 A e 91 A/B).
Derrubes da Oficina 2	[444]=[445]	Ânfora: bética (Dressel 20); Mediterrâneo ocidental (Mid Roman 1) e regional (Dressel 14 var. C; Almagro 51c var. C e Almagro 51a-b; Sado 1 var. B e Lusitana 10). <i>Terra Sigillata</i> : TSA D (Hayes 61 A/B2, Hayes 63, El Mahrine 14).	
	[448]	Ânfora: regional (Almagro 51a-b; Almagro 51c e Sado 1 var. B). <i>Terra Sigillata</i> : TSA D (Hayes 59, 61 B2 e Hayes 91).	
	[435] e [438]	Ânfora: africana (Spatheion?) bética (Keay 19); Mar Negro "Carrot amphora" (Kassab Tezgör C Snp III, variante 1) e regional (Almagro 51a-b var. A; Almagro 51c var. B e C, Sado 1 var. A e B, Sado 4 e Lusitana 10). <i>Terra Sigillata</i> : TSA D (Hayes 59, Hayes 61 B3, Hayes 67, Hayes 76, Hayes 80 A).	

Figura 2 – Contextos escavados no âmbito do Projeto de Valorização das Ruínas Romanas de Troia empreendido pela Troiaresort.

no séc. XVIII sob a égide da Casa Real e mais tarde, no séc. XIX, pela afamada Sociedade Arqueológica Lusitana (Castelo-Branco, 1963), não existem praticamente dados cronológicos sobre estas intervenções. Uma sondagem realizada em 2012 pela equipa da

Troiaresort identificou um piso argiloso (Unidade Estratigráfica (U.E.) [935]), com cerâmica de cozinha africana Hayes 182 variante C e um fragmento de ânfora da forma Almagro 51c, além de cerâmica comum. Num nível anterior (U.E. [937]) recolheu-se uma amostra

gem cerâmica, não anterior a meados do séc. IV, pela presença de uma tigela da forma Hayes 50 B em *terra sigillata africana* (TSA) tipo C (Alarcão & alii, 2020).

A denominada basílica paleocristã é o mais importante edifício da Troia da Antiguidade Tardia, com uma fundação não anterior a meados do séc. IV, que é inferida a partir da datação da necrópole anterior, pelo estudo das pinturas e pelo abandono área adjacente (Oficina 6). É ainda necessário contemplar três fases de construção, que cimentam a sua importância, e terão implicado um nível de investimento pouco usual neste período (Pinto & alii, 2019).

Trabalhos recentes identificaram outros enterramentos e ajudam a delinear melhor o mundo funerário que envolveu Troia na Antiguidade Tardia. Destes enterramentos, destaca-se o mais tardio, uma sepultura encontrada na orla do estuário do Sado com uma cabeceira formada por pintural parietal decorada com três cruzes páteas, que foi integrada nos séculos V-VI de acordo com os paralelos encontrados (Maciel & alii, 2019).

## 2.2. O abandono do complexo de produção de preparados piscícolas

São as oficinas de salga que têm revelado maior potencial de informação, talvez por aí se concentrar a maior parte da dedicação da equipa de arqueologia da Troiaresort, uma vez que constituem o elemento mais emblemático deste sítio arqueológico.

Destacam-se os contextos das oficinas 1 e 2, localizadas na área nuclear do sítio arqueológico e no centro do atual circuito de visita, por serem as que mais intervenções sofreram e, por conseguinte, aquelas que mais dados oferecem para a interpretação das fases de produção.

A Oficina 2 mantinha a fiada noroeste praticamente intacta, conservando os seus últimos níveis de abandono e destruição, um conjunto de derrubes formado entre o segundo quartel e o terceiro quartel do séc. V, considerando a TSA D identificada, nomeadamente a forma Hayes 61 B3 em associação com a Hayes 80 A da U.E. [435] (Hayes, 1972, p.125 e Bonifay, 2004, p. 171). O restante conjunto material deste horizonte contextual contém materiais bem enquadrados no 2º quartel / meados do séc. V, com ânforas regionais como a Almagro 51a-b variante A, a Almagro 51c variante B e C, a Sado 1 variante A e B, a Sado 4 e a Lusitana 10, uma ânfora *Spatheion?* de origem africana e a “Carrot amphora” (Kassab Tezgör C Snp III, variante 1) do Mar Negro, o que poderia circunscrever essa datação a meados do séc. V.

Na restante área da Oficina 2 foram ainda identifi-

cados três tanques com enchimentos que situaram o seu abandono na última fase de produção. Os tanques 1, 5 e 7c integram-se sensivelmente na mesma cronologia, ou seja, no segundo quartel / meados do séc. V:

Destaca-se o tanque 7c que revelou uma utilização mais complexa. Após ter servido como tanque de salgas, foi inutilizado, rebaixado e coberto por um pavimento em *opus signinum* que compunha o chão de um compartimento usado na terceira fase de construção da oficina. Mais tarde, cortou-se esse mesmo pavimento e o tanque foi reutilizado para depósito de lixos, onde foi recolhida TSA C e D (Hayes 73 A, Hayes 80 A, Hayes 91 A/B), e ânforas africanas (Africana II) e regionais (Almagro 51c variante B e C; Almagro 51a-b variante A e B e Sado 1). A sua estratigrafia indicia um abandono um pouco mais tardio que os tanques 1 e 5 (Pinto, Magalhães & Brum 2010b, p. 534 a 537), imediatamente anterior aos níveis de destruição acima descritos (ex. derrube [435]).

A implantação do circuito de visita na Oficina 1 implicou a escavação de uma parte da duna que aterrava a parte sudoeste desta oficina. Esta duna revelou uma formação antrópica, causada pelo despejo de lixos domésticos, entremeados por momentos naturais, de deposição eólica de areias. Esta sequência estratigráfica foi encontrada no pátio escavado numa área de cerca de 16,75 m<sup>2</sup> e com cerca de 2 m de profundidade, de modo a permitir a colocação de um muro de gabões que protegesse a parede do poço de mergulho aí localizado da pressão da duna adjacente.

As lixeiras encontradas na duna que cobria parte da Oficina 1 (U.E.'s [519] e [488]) ofereceram um conjunto numeroso, homogéneo e coevo de materiais que permitiu caracterizar inequivocamente as séries de cerâmicas que circulavam em Troia na primeira metade do séc. V, ajudando inclusivamente a precisar a cronologia de abandono da produção anteriormente apontada pela equipa luso-francesa (Pinto, Magalhães & Brum, 2012). Na datação deste depósito, e embora o grosso do conjunto material seja datado entre a segunda metade do séc. IV e as primeiras décadas do séc. V, são as formas do segundo quartel do séc. V, nomeadamente a Hayes 61 A/B1, A/B-3 e uma próx. da Hayes 61 A/B4, a Hayes 67 B, a Hayes 73, a Hayes 76, a Hayes 80 A e B/81B e a forma Hayes 91, com perfis da fase inicial de TSA D que constituem os melhores indicadores cronológicos. Destas formas apenas a datação da forma Hayes 80 A e B/81B é apontada para a segunda metade do séc. V (Bonifay, 2004, p. 173), mas em Troia, tal como já foi verificada (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994, p. 46; Maga-

Ilhães, 2012), confirma-se a sua chegada ainda na primeira metade do séc. V. Em associação este contexto apresenta um grande número de ânforas regionais e também de importação, típicas da primeira metade do séc. V. Uma lucerna africana Atlante VIII A1 a-b/A2a e B, confirma também uma cronologia centrada no fim do primeiro terço / segundo quartel do séc. V para estes depósitos.

Para a Oficina 1 contamos também com os dados das escavações feitas na década de 50, 60 e de 90 (Magalhães, 2014 e Étienne, Makaroun e Mayet, 1994). O tanque 13 foi escavado por F. Bandeira Ferreira e sob a direção de M. Heleno na década de 50, e o seu abandono foi enquadrado no segundo quartel do séc. V, fundamentalmente pela existência das formas de TSA D, Hayes 67 B, Hayes 80A, Hayes 90 A/B com ânforas como a Almagro 51c variante B (Magalhães, 2014). O tanque 19, escavado na década de 60 e de 90, era originariamente pertencente à Oficina 1, mas foi incorporado na Oficina 2 na última fase de produção, com contextos inicialmente datados de meados do séc. V pela equipa luso-francesa (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994, p. 39-40). Considerando a ausência de formas exclusivas do séc. V, os editores da série LRFW<sup>2</sup> 1 colocam a possibilidade de recuar a sua datação para finais do séc. IV (Reynolds, Bonifay & Cau, 2011, p. 18). No entanto, há que considerar um número importante de cerâmica frequente na primeira metade do séc. V, nomeadamente de TSA (de que são exemplo a Hayes 52, a Hayes 59 B, a Hayes 61 A, a Hayes 67B<sup>3</sup> ou a El Mahrine 14<sup>4</sup> e a Hayes 71), e as ânforas regionais Almagro 51c e Sado 1, na sua variante B, não ignorando o facto de uma parte deste tanque estar ainda por escavar, pelo que consideramos mais prudente situar a sua cronologia no início do séc. V. Um aspeto importante a considerar é fornecido pelo estudo do Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, através da correspondência trocada entre M. Farinha dos Santos e M. Heleno<sup>5</sup>, em que o então arqueólogo de campo da Missão Arqueológica de

Troia comunicava ao seu diretor a descoberta de um tesouro de 1612 moedas, escondido num derrube de telhas do mesmo tanque, confirmando a frequentação desta área após o abandono da produção de salgas nesta fábrica.

O pavimento em argila (U.E. [490]) foi encontrado sob os depósitos lixeira anteriormente mencionados, com formas de importação africana, como a Hayes 67 B em TSA D e a ânfora Keay 25.2, apontando para uma datação de finais do séc. IV / inícios do séc. V (Pinto, Magalhães & Brum, 2010a).

Apesar da diferente percentagem de materiais em cada depósito, com maior abundância de material em lixeiras do que em derrubes ou pisos, a amostra existente em cada unidade estratigráfica é bastante coerente entre si e permite caracterizar os contextos de finais do séc. IV e do séc. V em Troia. Estes dados sugerem que a produção de salgas foi sendo progressivamente abandonada em diferentes momentos do séc. V, aparentemente mais cedo na Oficina 1 do que na Oficina 2, em que o abandono do tanque 19 da primeira oficina parece anterior ao dos tanques 1, 5 e 7c da oficina adjacente. A deposição de lixos sobre a Oficina 1 introduz uma nova utilização deste espaço após o abandono da produção de salgas, ao passo que a Oficina 2 prolongou a sua utilização até um momento ligeiramente posterior.

### 3. COMÉRCIO TARDO-ANTIGO EM TROIA

Troia dispõe de um numeroso conjunto cerâmico, resultante das várias intervenções que o sítio arqueológico foi sofrendo, e que, em alguns casos, remontam a finais do sec. XVIII, no caso das escavações promovidas pela Casa Real. Estas peças, estão na sua maior parte desprovidas do contexto original, na medida em que já não se consegue reconstituir por completo a sua proveniência no sítio e seriação estratigráfica, mas a sua boa preservação e considerável expressão numérica é relevante para a caracterização económica e comercial do período tardo-romano em Troia.

Esta análise microeconómica foi feita essencialmente com base nos conjuntos cerâmicos depositados no MNA, em Troia e, no caso das ânforas, considerou igualmente o depósito do Centro Português de Atividades Subaquáticas (CPAS) (Almeida & alii, 2014), onde se encontram a maior parte dos materiais, considerando-se ilustrativa do padrão existente no sítio (Magalhães, Pinto & Brum, 2020).

<sup>2</sup> Late Roman Fine Wares.

<sup>3</sup> Foram consideradas nesta tipologia as peças nº 50 e 54 do tanque 19 (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 41 e fig. 18, p. 57).

<sup>4</sup> Também designada por Hayes 67/71 (*ibidem*, p. 40).

<sup>5</sup> SANTOS, M. L. F. (1961) – [Carta] 1961 Setembro 24, Troia [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1961. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno. Correspondência Pessoal de M. L. Farinha dos Santos. PT/MNA/APMH/5/1/679/5.

### 3.1. Terra Sigillata

O estudo da cerâmica fina importada em curso demonstra que Troia recebeu quantidades massivas de TSA entre a segunda metade/finais do séc. IV e o primeiro quartel do séc. V, indicando que o complexo industrial ainda estaria em pleno funcionamento neste período (Magalhães, 2012). As tabelas das figuras 3 e 4 apresentam o número mínimo de indivíduos contabilizados até maio de 2020 que ultrapassam o séc. V.

FABRICOS	NMI	% NMI
<b>TSA C</b>	44	2,9%
<b>TSA D</b>	1428	95,1%
<b>DSP</b>	6	0,4%
<b>TSBTg</b>	5	0,3%
<b>TSht</b>	9	0,6%
<b>TSF</b>	9	0,6%
<b>TOTAL</b>	<b>1501</b>	<b>100%</b>

Figura 3 – Distribuição da *terra sigillata* tardia de Troia.

À semelhança de outros sítios peninsulares com a mesma cronologia de ocupação, a maior parte da TSA corresponde ao tipo D, que em Troia apresenta uma quantidade verdadeiramente assinalável e que só é explicável através de um comércio regular com o Norte de África, o que demonstra a importância dos portos do Sado na Rota Atlântica. A partir de finais do séc. IV / inícios do séc. V o abastecimento de formas africanas é composto por Hayes 58 B, Hayes 59 B, Hayes 61, essencialmente nas variante A/B (A/B1 – 17 NMI; A/B2 – 17 NMI; A/B3 – 22 NMI; A/B4 – 12 NMI) e B (B – 6 NMI; B1 – 5 NMI; B2 – 17 NMI; B3 – 5 NMI)<sup>6</sup>, Hayes 62 A / El Mahrine 5, Hayes 63, Hayes 64, Hayes 62/64, variant Fulford 6, a Hayes 67 A (71 NMI) e B (140 NMI)<sup>7</sup>, El Mahrine 14<sup>8</sup>, a Hayes 70 (incluindo 6 NMI na variante larga desta forma) e a Hayes 71 (A – 2 NMI e B – 9 NMI)<sup>9</sup> (fig. 5, nº 1-6).

<sup>6</sup> O número completo desta forma é composto por mais 219 indivíduos da variante A, melhor enquadrada na segunda metade do séc. IV, e 8 NMI sem variante atribuída, motivo pela sua preponderância.

<sup>7</sup> 34 NMI desta forma não apresentavam perfil suficiente para atribuição de variante.

<sup>8</sup> Também conhecida por variante pequena da Hayes 67 ou Hayes 67/71, embora no fabrico D.

<sup>9</sup> 1 NMI com variante indeterminada.

FABRICOS	FORMAS	MNV	% MNV
<b>TSA C</b>	Hayes 53	17	1,1%
	Delgado 1968 ou Hayes 67/71	4	0,3%
	Hayes 71	8	0,5%
	Hayes 73	13	0,9%
	Hayes 84	2	0,1%
<b>TSA D</b>	Hayes 56	1	0,1%
	Hayes 58 B	79	5,3%
	Hayes 59 B	85	5,7%
	Hayes 60	12	0,8%
	Hayes 61	328	21,9%
	Hayes 62 A/El Mahrine 5	50	3,3%
	Hayes 64	7	0,5%
	Hayes 62/64, var. Fulford 6	13	0,9%
	Hayes 63	51	3,4%
	Hayes 67	258	17,2%
	El Mahrine 14	159	10,6%
	Hayes 70	8	0,5%
	Hayes 71	12	0,8%
	Hayes 73	51	3,4%
	Hayes 76	42	2,8%
	Hayes 80 A-B/81B	87	5,8%
	Hayes 81	2	0,1%
	Hayes 86	3	0,2%
	Hayes 91	163	10,9%
	Hayes 92	6	0,4%
Hayes 96	1	0,1%	
Hayes 97	1	0,1%	
Hayes 103 A	1	0,1%	
Hayes 104 A	2	0,1%	
<b>AFRICANA</b>	Desconhecida (Hayes 60 variante?)	6	0,4%
<b>DSP</b>	Rigoir 3	2	0,1%
	Rigoir 6	1	0,1%
	Rigoir 18	3	0,2%
<b>TSBTg</b>	“Rigoir 1”	5	0,3%
<b>TSht</b>	Drag. 37t	8	0,5%
	Paz 83 A	1	0,1%
<b>TSF</b>	Hayes 3	9	0,6%
<b>Total</b>		<b>1501</b>	<b>100,0%</b>

Figura 4 – Distribuição de fabricos e formas de *terra sigillata*.

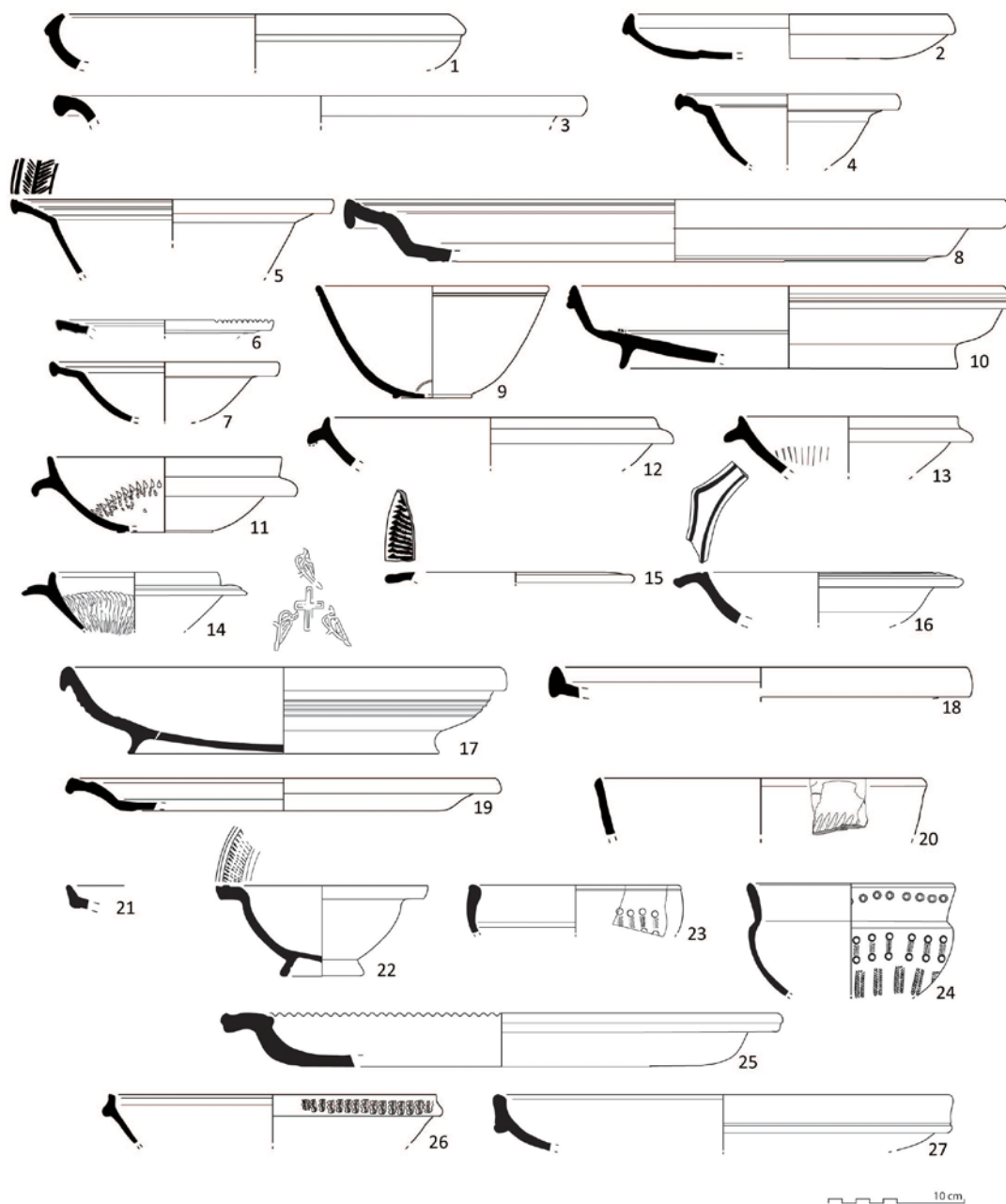


Figura 5 – *Terra sigillata* de Troia. 1: Hayes 61 A/B4; 2: Hayes 61 B1; 3: Hayes 67C; 4: El Mahrine 14; 5: Hayes 70; 6: Hayes 71; 7: Hayes 73 A; 8: Hayes 76; 9: Hayes 80 A; 10: Hayes 86; 11: Hayes 91 B; 12-13: Hayes 91 D; 14: Hayes 92; 15: Hayes 96; 16: Hayes 97; 17: Hayes 103 A; 18: Hayes 104 A; 19: Hayes 60 variante?; 20: Drag. 37t; 21: Paz 83A; 22: Rigoir 3a; 23: Rigoir 6a; 24: Rigoir 18; 25: “Rigoir 1”; 26-27: Hayes 3 (os desenhos nº. 6, 10, 11, 13-15, 19, 23-24 são da autoria de Helena Figueiredo).

Tal como temos feito, destacamos também aqui a descoberta de uma tipologia nova (Magalhães, 2012: 365), afim da forma Hayes 60 e que deverá por isso ser contemplada no mesmo intervalo cronológico (Figura 5, nº 19).

Entre o segundo e o terceiro quartel do séc. V, as importações diminuem significativamente, mas o conjunto de formas deste período, mais concretamente a Hayes 61 A/B3 e B, a Hayes 67 B (aqui também considerados mais 2 NMI que exibem um perfil tran-

sicional próximo da variante C), a Hayes 70, a Hayes 73 (A – 35 NMI e B – 5 NMI)<sup>10</sup> (fig. 5, nº 7), a Hayes 76 (incluindo 9 NMI da variante de grande dimensão) (fig. 7, nº 8), a Hayes 80 A-B/81B (fig. 5, nº 9) e Hayes 81 (1 NMI da variante B), a Hayes 91 A e sobretudo a B (A – 6; A/B – 13 e B – 21 NMI)<sup>11</sup> (fig. 5, nº 11) e a Hayes 92 (fig. 5, nº 14), revelam que algumas fábricas terão continuado a laborar enquanto outras iam sendo abandonadas. Conforme referido no capítulo anterior, os dados de escavações recentes confirmam a introdução de algumas formas em Troia ainda na primeira metade do séc. V, mais concretamente, referimo-nos às formas Hayes 80/81, Hayes 91 A e B e Hayes 92 (Étienne; Makaroun & Mayet 1994: 46 e Pinto, Magalhães & Brum, 2012). As formas mais tardias de TSA são a Hayes 67 C (11 NMI) (fig. 5, nº 3), a Hayes 84 (tipo C), a Hayes 86 (fig. 5, nº 10), a Hayes 91, na variante B tardia (8 NMI), a Hayes 96 (fig. 5, nº 15) e a Hayes 97 (fig. 5, nº 16), que circulam desde meados do séc. V aos inícios do séc. VI (Hayes, 1972). No séc. VI d. C. aparecem apenas as formas Hayes 91 C (3 NMI) e a Hayes 103 A (fig. 5, nº 17 e fig. 6), num prato com uma decoração integrada no estilo E (i), que o circunscreve a uma datação de finais do séc. V/ inícios do séc. VI de acordo com as punções utilizadas (Hayes, 1972: 277, nº 311d). Ao contrário do estilo A, o estilo E é muito raro neste conjunto e foi apenas identificado num outro prato, igualmente integrado na sua primeira fase, que pode ainda ser atribuído à segunda metade do séc. IV, após o arranque da produção da oficina de Oudhna (Bonifay 2004: 192) e circular até à primeira metade do séc. VI (Hayes 1972: 222). Nesta categoria, apenas as peças da forma Hayes 91 D (2 NMI) (fig. 5, nº 12-13) e Hayes 104 A (fig. 5, nº 18), podem atingir o séc. VII (Bonifay, 2004: 179 e 183; *Atlante I*, 1981: 95 e 99).

Alerta-se, no entanto, que algumas formas identificadas no estudo estatístico elaborada por F. Mayet da *terra sigillata* existente no MNA continuam ausentes, havendo também casos de reclassificação (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994: 43, fig. 11).

Destaca-se ainda a identificação de um conjunto pequeno mas heterogéneo de formas atribuíveis às designadas Derivadas de *Sigillata* Paleocristã (DSP), nomeadamente a forma Rigoir 3 a (fig. 5, nº 22) e b, Rigoir 6a (fig. 5, nº 23) e Rigoir 18 (fig. 5, nº 24), da primeira metade do séc. V (Rigoir 1968; Maia 1976-77)

<sup>10</sup> 3 com variante indeterminada.

<sup>11</sup> 110 NMI desta forma não apresentavam perfil suficiente para atribuição de variante. Pela sua cronologia foram excluídos os exemplares precoces.

e cinco grandes pratos da forma “Rigoir 1” (fig. 5, nº 25), com fabrico diferenciado, eventualmente relacionado com as produções reconhecidas por R. Morais e A. Fernández Fernández nos arredores da cidade de Braga (Prado-Ucha), a designada *terra sigillata* bracaraense (TSBT g), produzida entre os séc. V e VI, e talvez até no séc. VII (2014: 715-719).

Outras produções, como a *terra sigillata* hispânica tardia (TSHt), ou a *terra sigillata* foceense (TSF) são mais raras, constituindo mais uma evidência para o padrão comercial de Troia, com uma distribuição essencialmente marítima e não terrestre, onde estas cerâmicas circulariam com maior regularidade. As produções tardias do norte da Hispânia apresentam uma cronologia lata, entre os séc. IV e V/VI, e foram identificadas nas formas Drag. 37t (fig. 5, nº 20) e na Paz 83 A. A TSF, já reconhecida nos estudos de M. Maia (1974 e 1978), tem praticamente o mesmo peso no conjunto analisado, mas mostra a grande exclusividade da exportação desta produção à forma Hayes 3 (fig. 5, nº 26-27), nas variantes B, C, E, H e F no caso de Troia, perfis típicos de meados do séc. V a inícios do séc. VI (Hayes 1972: 338 e 349). À exceção de dois exemplares, a maior parte destas variantes correspondem a peças com bordos altos, o que pode ser considerado um indicador de maior antiguidade (Fernández Fernández, 2010: 380).

Pelo exposto, e conforme verificado em trabalhos anteriores (Magalhães, 2012) as peças de cronologia mais tardia são muito raras e parecem ser exclusivamente provenientes de níveis de necrópole, que ocuparam o espaço das fábricas depois de abandonadas.



Figura 6 – Repaired dish of form Hayes 103 A (nº 16.886).

### 3.2. Ânforas

Estudos prévios da totalidade da coleção de ânforas documentaram o predomínio das produções regionais destes contentores cerâmicos (Almeida & alii, 2014, fig. 3; Pinto & alii, 2016), indispensáveis ao embalamento dos produtos resultantes da produção de preparados piscícolas (Figuras 7 e 8). A partir do séc. III mantém-se essa tendência expectável pela proximidade das olarias e pela procura sentida num centro de produção como Troia, verificando-se uma maior diversidade de formas relativamente ao período anterior, com a preponderância da Almagro 51, nomeadamente nas suas variantes B e C (Figura 9, nº 1), a Sado 1 (Figura 9, nº 2), com maior capacidade de armazenamento e a Almagro 51 a-b (fig. 9, nº 3), especialmente nos contextos de finais do séc. IV e primeira metade do séc. V (Pinto & alii, 2016: 181-192). Menos frequentes, mas relevantes para os contextos da 1ª metade do séc. V são as ânforas Sado 4 e a Sado 3, esta última especialmente associada a contextos do segundo quartel do séc. V em Troia.

FABRICOS	NMI	% NMI
<b>Regional</b>	1547	84,0%
<b>Bética</b>	215	11,7%
<b>África</b>	68	3,7%
<b>Mediterrâneo Ocidental e Central</b>	4	0,2%
<b>Oriente e Levante</b>	6	0,3%
<b>Mar Negro</b>	1	0,1%
<b>Total</b>	<b>1841</b>	<b>100%</b>

Figura 7 – Distribuição das ânforas tardias de Troia.

No caso das ânforas importadas uma análise mais aprofundada (Figuras 8 e 9), tendo em vista uma melhor caracterização da última fase de importação, permitiu a definição de variantes e a descoberta de novas formas (Magalhães, Pinto & Brum, 2020: 142-144).

Ao contrário do que foi indicado no estudo da cerâmica fina importada, a análise destes grandes contentores revelou que os bens alimentares africanos perdem importância a partir da segunda metade do séc. IV, uma vez que as formas Keay 27 (fig. 9, nº 11), Keay 35 (fig. 9, nº 12), Keay 36 e Keay 59 (fig. 9, nº 13), não conseguiram apresentar o mesmo sucesso das suas congéneres, Africana II e III. A partir deste período é a Bética que domina os mercados, exportando não só ânforas de preparados piscícolas (Keay 16, 19, 22, Dressel 23 and Beltrán 72) (fig. 9, nº 4-8) como de

PROVENIÊNCIAS	FORMAS	MNV	% MNV	
<b>Regional</b>	Almagro 50	58	3,2%	
	Keay 16	19	1,0%	
	Almagro 50/Keay 16	2	0,1%	
	Almagro 51c	1045	56,8%	
	Sado 1 (Keay 78)	287	15,6%	
	Almagro 51 a-b	60	3,3%	
	Lusitana 10	11	0,6%	
	Lusitana 9 (Sado 2)	38	2,1%	
	Sado 3	5	0,3%	
	Sado 4	20	1,1%	
<b>Bética</b>	Beltrán 72 similis	2	0,1%	
	Keay 16	96	5,2%	
	Almagro 50/Keay 22	18	1,0%	
	Almagro 51c/Keay 23	6	0,3%	
	Keay 16/Keay 22	8	0,4%	
	Beltrán 72	20	1,1%	
	Keay 16/Keay 22/Beltrán 72	1	0,1%	
	Keay 19	25	1,4%	
	Dressel 23	41	2,2%	
	<b>África</b>	Africana III/Keay 25	53	2,9%
Keay 27		3	0,2%	
Keay 33		1	0,1%	
Keay 35		5	0,3%	
Keay 36		1	0,1%	
Keay 59		1	0,1%	
Keay "62Q" = Albenga 11-12		1	0,1%	
Keay 61		1	0,1%	
Spatheion		2	0,1%	
<b>Mediterrâneo Ocidental e Central</b>		MRA 1	4	0,2%
	<b>Oriente e Levante</b>	Kapitän 2	3	0,2%
		LRA 1	3	0,2%
<b>Mar Negro</b>	Carrot amphora	1	0,1%	
<b>Total</b>		<b>1841</b>	<b>100,0%</b>	

Figura 8 – Distribuição de proveniências e formas de ânfora.

azeite (Dressel 23). Novos contextos identificados em Espanha têm alertado para a longevidade da produção e circulação de algumas destas ânforas até ao séc. VI, nomeadamente as Dressel 23 A, C e D e as duas *Tejarillo* 1 e 3 (fig. 9, nº 9), presentes em Troia (García Vargas and Bernal Casasola 2008: 676). (Figura 9)

Assinalável é a documentação de ânforas vinárias de distribuição mais rara, provenientes do Mediterrâneo Central e Oriental, como as Kapitän 2 (fig. 9, nº 18), Keay 52, Mid-Roman 1 e Late-Roman 1 (fig. 9, nº 19), assim como a ânfora do Mar Negro do tipo Kassab

Tezgör C Snp III, na variante 1, ou “carrot amphora” como é mais frequentemente designada (Kassab Tezgör 2010: 130-131), já mencionada na sistematização dos contextos de escavações recentes (fig. 9, nº 20).

As ânforas mais tardias a chegar a Troia são, curiosamente, duas ânforas africanas, a Keay ‘62Q’ = Albenga 11-12 / Keay ‘62R’ (fig. 9, nº 14), datada de finais do séc. V à primeira metade do séc. VI, e a Keay 61 (fig. 9, nº 15), que atinge o séc. VII e constitui a peça mais tardia identificada até ao momento em toda a coleção cerâmica de Troia (Bonifay, 2004: 137 e 141).

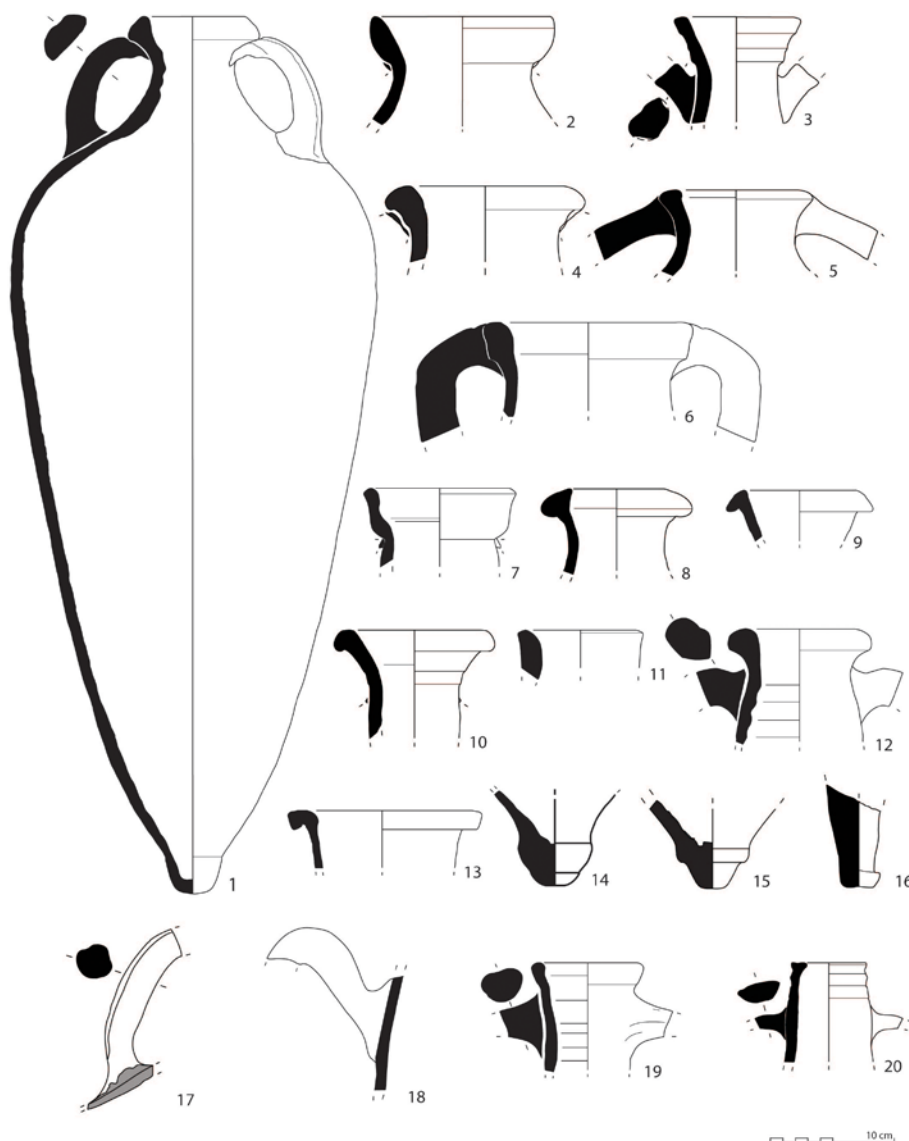


Figura 9 – Ânforas tardias de Troia. 1: Almagro 51c, var. C; 2: Sado 1, variante B; 3: Almagro 51 a-b; 4: Keay 16; 5: Keay 22; 6: Beltrán 72; 7: Keay 19; 8: Dressel 23; 9: Tejarillo 3; 10: Keay 25; 11: Keay 27; 12: Keay 35; 13: Keay 59; 14: Keay “62Q”=Albenga 11-12; 15: Keay 61; 16: Spatheion (?); 17: MRA 1; 18: Kapitän 2; 19: LRA 1; 20: *Carrot amphora*.

### 3.3. Lucernas

Um breve ensaio sobre os objetos de iluminação de Troia permite constatar a preferência pelas lucernas africanas a partir do séc. IV, em detrimento das importações itálicas ou hispânicas, especialmente as da Bética (Magalhães, Pinto e Brum, 2020: 144, fig. 12).

Do Norte de África, destaca-se a forma Deneuve XIB (Figura 10, nº 1), na sua variante A, cuja datação pode estender-se a início do séc. V, e a forma Atlante VIII, nas suas múltiplas variantes (A1c/A2b; A1a-b/A2a; C1a-b; C1c-d-e, B e D), preponderante no conjunto (fig. 10, nº 2-6). Esta forma foi bem aceite nos mercados, e em Troia surge mais frequentemente na variante A1a-b/A2a, sendo pouco abundante na variante A2b, ambas bem integradas na primeira metade do séc. V. A forma Atlante VIII, variantes C1c-d-e e D, mais raras, são colocadas em meados / segunda metade do séc. V (Bonifay, 2004).

Estes objetos estão muito associados a rituais fúnebres e por isso, a mudança de paradigma religioso que ocorreu entre o séc. III e IV com o advento do Cristianismo, pode ter-se refletido também na dimi-

nuição da procura por estes materiais (Pereira, 2014). O estado embrionário dos estudos sobre estes materiais em Troia ainda não permite confirmar esta hipótese, verificando-se neste caso concreto, uma grande percentagem de lucernas africanas com decoração claramente cristã nos exemplares mais tardios. É por isso tentadora a sua associação com o elevado número de sepulturas existente no séc. V e a existência de um edifício cristão de finais do séc. IV / inícios do séc. V (Pinto & alii, 2019), o que implicaria a existência de uma pequena comunidade cristã, com hábitos de consumo próprios que explicam a procura por materiais dentro da mesma ideologia. As duas lucernas da forma Atlante X, uma integrada na variante B com uma decoração bíblica (Morais 2010: 22, com paralelo em Bonifay, 2004: 374, fig. 209, n. 16) (Fig. 10, nº 7), são por isso extremamente relevantes para a compreensão do mercado destes bens.

As duas lucernas Atlante X e o exemplar identificado na forma Atlante VIII D são os mais tardios de todo o conjunto, com uma cronologia da segunda metade do séc. V ao séc. VI (Bonifay, 2004). (Figura 10)

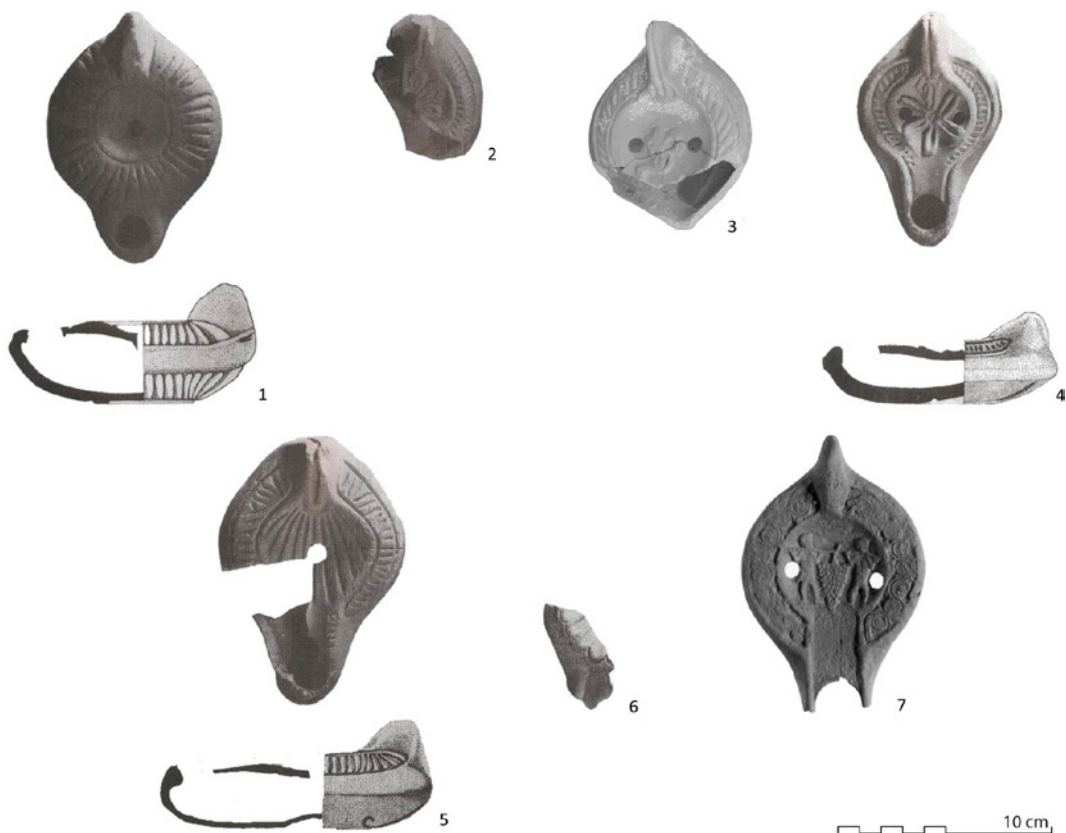


Figura 10 – Lucernas tardias de Troia. 1: Deneuve XIB; 2: Atlante VIII A1c/A2b; 3: Atlante VIII A1a-b/A2a; 4: Atlante VIII C1a-b; 5: Atlante VIII C1c-d-e; 6: Atlante VIII D (Costa, 1973); 7: Atlante Xb (Morais, 2010).

## 4. O VALE DO SADO NA ANTIGUIDADE TARDIA

A informação arqueológica atualmente disponível no vale do Sado é fruto de várias intervenções com objetivos distintos. Não obstante, o carácter desigual da informação é circunstancial, sendo notório o esforço de publicação de diferentes equipas, que permite reunir dados que incrementam a interpretação da conjuntura económico-social vivida no Sado nos últimos momentos da ocupação romana.

### 4.1. Alcácer do Sal

As intervenções em Alcácer do Sal têm procurado atender ao desenvolvimento urbanístico da cidade e no âmbito de trabalhos arqueológicos de emergência. Destacam-se os trabalhos desenvolvidos pela equipa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) e o Projeto LOCAS, uma parceria de investigadores e arqueólogos do Museu Municipal de Pedro Nunes, com inúmeros estudos de material já publicados (Pimenta, Sepúlveda & Ferreira, 2015: 152).

Por conseguinte, da *Urbs Imperatoria Salacia*, conhece-se a parte mais elevada da cidade, que abarca uma parte do fórum, e ainda uma rua com *tabernae*, um aqueduto e uma cisterna. Na margem do rio existem outros vestígios menos conhecidos, estruturas interpretadas como cais e armazéns, fornos de ânforas e necrópoles (Faria, 2002).

Os dados existentes até ao momento, documentam um acentuado decréscimo das importações a partir do séc. II, denunciando a perda do seu estatuto como capital de *civitas* no Baixo-Império (Sousa & alii, 2008: 154; Viegas, 2014). As últimas importações documentadas até ao momento são uma ânfora da forma Almagro 50 (Pimenta, Sepúlveda & Ferreira, 2015: 161), um fragmento decorado do estilo A (ii) de Hayes, um bordo da forma Hayes 59 B em TSA D e uma tigela da forma Drag. 37t em TSHt (Viegas, 2014: 761 e 762, fig. 7).

Estes materiais são escassos para caracterizar a frequência desta urbe até ao fim da sua distribuição, em inícios do séc. V. É por isso extremamente importante analisar outros elementos, como a identificação de dois capitéis coríntios, enquadrados em contexto visigótico por F. Limão (2010, nº EBR006 e EBR007).

### 4.2. Setúbal

A equipa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) tem feito um trabalho notável na investigação e publicação de resultados das várias intervenções arqueológicas desenvolvidas na região do vale do Sado, especialmente em Setúbal,

onde se destaca o projeto “Preexistências de Setúbal”, que sistematizou o conhecimento sobre a cidade romana e desmitificou por completo a sua atribuição a *Caetobriga*.

Os vários trabalhos promovidos pelo Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS localizam na colina de Santa Maria o principal núcleo da povoação (fórum, edifícios públicos, reservatório de água) e na periferia, junto à praia, as zonas de *domus* e de necrópoles. As áreas produtivas localizam-se na base da colina de Santa Maria à Praça do Bocage (fábricas de salgas e olarias) e no núcleo do Troino (salinas), junto às pedreiras do Viso (Soares & Tavares da Silva, 2018: 31-32).

Uma revisão recente dos contextos publicados trouxe novos aspetos para a interpretação da Setúbal da Antiguidade Tardia e para a sua transição para a Idade Média (Soares & Tavares da Silva, 2018) (Figura 13). Em primeiro lugar, no sector “industrial”, verifica-se o abandono de algumas fábricas de salga ainda nos séc. III-IV d.C., assistindo-se, em determinados casos, à reconversão destes espaços em estruturas de habitação, exemplo da oficina de salga da Praça do Bocage, ou à reutilização de alguns tanques que foram repavimentados ainda no séc. V, como é o caso da oficina de salga da Travessa de Frei Gaspar (Soares & Tavares da Silva, 2018: 16).

Os contextos mais relevantes para a interpretação do período Tardo-Antigo na cidade de Setúbal são sem dúvida os que resultaram das escavações na Rua Francisco Augusto Flamengo e na Travessa de João Galo, nº 4-4B, quer pela dimensão da amostra, quer pela diacronia da sequencia estratigráfica definida.

Na Rua Francisco Augusto Flamengo, nº 10-12, foi escavado um reservatório inutilizado a partir de meados do séc. IV (camada 14), e com um nível superior com materiais do séc. V (Soares & Tavares da Silva, 2018: 23-25).

Na Travessa de João Galo, foi encontrada uma estratigrafia complexa com uma ocupação tardia composta por duas fases, uma do séc. IV-V (Fase IV) e outra integrada nos séc. VI-VIII (Fase V) (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2014 e Soares & Tavares da Silva, 2018: 20-22).

Na Rua Arronches Junqueiro, nº 75 foi descoberto o mosaico de uma *domus* com derrubes que documentam o seu abandono no séc. V/VI (Soares & Tavares da Silva, 2018: 26).

Outros achados têm mudado a face deste período, como por exemplo o capitel de influência bizantina identificado na última fase de ocupação do Largo da Misericórdia, atribuída aos séc. V-VI.

Por sua vez, os diferentes tesouros escondidos em ânforas descobertos em Setúbal, como os da Rua Fran Paxeco, transmitem-nos um clima de insegurança, sen-

tido aliás um pouco por toda a Lusitânia, na segunda metade do séc. IV (Soares & Tavares da Silva, 2018: 11-12).

CRONOLOGIA	LOCAIS	CONTEXTO	MATERIAIS RELEVANTES
IV	<b>Rua Fran Paxeco</b>	2 Tesouros	Ânfora Beltran 65 A com 7091 moedas e outra indeterminada com 11901 moedas, da "Casa de Constantino Magno e sucessores", cunhadas entre 253 e 363, à exceção de um exemplar.
	<b>Travessa de João Galo, nº 4-4B</b>	Habitação (Fase IV)	TSA C e D (Hayes 59, Hayes 60, Hayes 61, Hayes 63, Hayes 67 e Hayes 91A/B, TSP e TSF.); Ânforas regionais (Almagro 50/Keay 22, Almagro 51a-b, var. B e Almagro 51c, var. B e C).
V	<b>Rua Francisco Augusto Flamengo, nº 10-12</b>	Reservatório	TSA D (Hayes 91 A); Ânforas regionais (Almagro 51c, Almagro 51 a-b e Sado 1).
	<b>Travessa de Frei Gaspar</b>	Oficina de Salga	lucerna africana Atlante VIII.
	<b>Rua Arronches Junqueiro, nº 75</b>	<i>Domus</i> (derrubes)	TSF (Hayes 3 B); ânforas regionais (Almagro 51c, var. C e Almagro 51a-b); ânfora oriental (Late Roman 2).
VI	<b>Largo da Misericórdia</b>	Sobre a olaria	Capitel bizantino.
	<b>Travessa de João Galo, nº 4-4B</b>	Lixeira doméstica (Fase V)	TSA D (Hayes 91, Hayes 99, Hayes 103 e Hayes 104/105); TSF (Hayes 3); DSP (Rigoir 1 ou 3); ânforas regionais (Almagro 51c, var. C, Almagro 51 a-b var. C, Sado 2 e Sado 3).

Figura 11 – Contextos tardo-antigos da cidade de Setúbal (sécs. IV-VI).

### 4.3. Outros núcleos

Nas imediações de Setúbal, Arrábida, destacam-se as *villae* do Creiro e da Comenda, com contextos homogéneos que documentam as fases finais da ocupação romana. A *villa* do Creiro, apresenta uma estrutura termal e fábrica de salga abandonada no primeiro quartel do séc. V, através da identificação de um derrube de telhado com a forma Hayes 73 A em TSA D e com as ânforas regionais Almagro 51c, variante C e a Sado 2 (contexto D). A partir dessa fase, a *villa* parece assumir um carácter doméstico e agro-pastoril, que C. Tavares da Silva e A. Coelho-Soares associaram recentemente ao segundo e terceiro quartel do séc. V (2016), prolongando a anterior proposta de meados do séc. V (1987), nos contextos E, F e G.

O contexto E, consiste em derrubes e lixeiras sobre uma das oficinas (F14), contendo TSA D (Hayes 61 B<sup>12</sup>, Hayes 76 e Hayes 91 B) em associação com as ânforas regionais (Almagro 51c variante C, Almagro 51 a-b, Sado 1 variante B e Sado 2) e africanas (Keay 27 B e

Keay 35 B). Já os contextos F e G estão relacionados com o balneário, o primeiro com TSA D (Hayes 61 B) e o segundo em que se identificou TSA C e D (Hayes 61 B, Hayes 64, Hayes 73 A, Hayes 80 A e Hayes 91 B) e ânforas regionais (Almagro 51c e 51a-b, Sado 1 variante B).

A *villa* da Comenda foi recentemente revisitada por C. Viegas que publica os dados da escavação realizada em 1977 (2016). Esta *villa* de estrutura idêntica à do Creiro, com balneário e oficina de salga, fornece novos elementos para o estudo da antiguidade tardia neste território com o reconhecimento de dois momentos de ocupação neste período. A designada Fase 1 está datada entre a segunda metade do séc. IV e o terceiro quartel do séc. V, apresentando TSA D nas formas Hayes 56, Hayes 59, Hayes 63, Hayes 67 e Hayes 80 com perfuração, a par com as ânforas Almagro 51c, 51a-b e Sado 1. A Fase 2 foi integrada na primeira metade do séc. VI pela identificação de TSA D nas formas Hayes 87 C variante A1 e Hayes 91 C, descoberta em conjunto com as ânforas lusitanas Almagro 51c, Sado 1 A e B, Almagro 50 e Lusitana 9.

Para além das *villae* há que referir a produção an-

<sup>12</sup> A peça visível em estampa na fig. 24, nº 1, parece enquadrar-se melhor na variante A do que na variante B.

fórica do Sado, cuja cronologia e localização, poderia reforçar a ideia de uma transferência de poderes entre as cidades de Alcácer do Sal e o eixo de Setúbal-Troia, com o abandono dos fornos mais próximos de Alcácer do Sal, como sinal do seu declínio a partir de finais do séc. I (Faria, 2002: 68). Nos sítios de consumo documenta-se a circulação da “triade típica dos níveis tardios”, formada pelas Almagro 51c, variante C, Almagro 51 a-b e a Sado1, variante B (Almeida & alii, 2014: 419). Apesar de existirem outras olarias ativas, apenas a existente na Herdade do Pinheiro, revelou depósitos de abandono e entulheiras com datações de meados do séc. III a meados do séc. V (Mayet & Tavares da Silva, 1998).

## 5. CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO OU MUDANÇA NO VALE DO SADO?

Este estudo pretendeu sistematizar a informação existente para um melhor enquadramento de Troia no eixo económico do Sado.

Em termos gerais os contextos materiais já publicados parecem bastante homogéneos entre si. Neste sentido poderíamos associar o último piso de ocupação da Oficina 1 (U.E. [490]) ao abandono do tanque 19 de Troia nos finais do séc. IV, primeiras décadas do séc. V. Já os contextos verificados na última fase de ocupação do Creiro, na fase 1 tardo-antiga da Comenda e também na fase IV da Travessa de João Galo (Setúbal) parecem relacionar-se com o universo documentado nas lixeiras e no tanque 13 da Oficina 1 e visível também nos tanques 1 e 5 da Oficina 2 de Troia. A Rua Francisco Augusto Flamengo de Setúbal integrará muito possivelmente o mesmo momento de abandono. Já o abandono da Oficina 2, dado a conhecer pelos derrubes sobre a ala noroeste e possivelmente também a reutilização do tanque 7c ter-se-á dado num momento pouco posterior, no segundo quartel / meados do séc. V.

A fase V da Travessa João Galo tem paralelo na fase 2 tardo-antiga da Comenda e, tal como já foi verificado por C. Viegas (2016: 460), parece simultânea das últimas importações para Troia na primeira metade do séc. VI. Contudo, a identificação da ânfora Keay 61 em Troia comprova a circulação de pessoas até ao séc. VII, o que terá certamente maior reflexo na margem oposta com a continuação destes estudos.

Estes contextos materiais confirmam a transferência de poder de Alcácer para o eixo Setúbal-Troia e põem em evidência a continuidade de utilização da Rota Atlântica, numa dinâmica comercial que continua

a privilegiar os produtos africanos até ao séc. VI-VII. Por outro lado, a partir da segunda metade do séc. V, são cada vez mais os indícios que confirmam a integração dos portos do Sado nos novos circuitos comerciais terrestres de abastecimento de produtos orientais.

Por sua vez, e mesmo que o número de ocorrências materiais dos séculos VI-VII venha a aumentar, nunca será tão expressivo como nos séculos precedentes e a própria estratigrafia dos sítios remete-nos para um mundo em transição, com o abandono paulatino das fábricas e oficinas de salga. Com efeito, os contextos mais tardios identificam-se maioritariamente sobre áreas de produção abandonadas, o que terá certamente implicado um fenómeno de mutação económica de uma atividade de produção e exportação em larga escala para uma ocupação ainda difícil de definir.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (2011) – Os *Cornelii Bocchi*, Tróia e Salacia. In CARDOSO, José Luís & ALMAGRO-GORBEA, Martín, eds. – *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina* (Colóquio Internacional dedicado a Lucius Cornelius Bochus, Tróia, 6-8 de Outubro de 2010). Lisboa – Madrid: Academia Portuguesa da História / Real Academia de la Historia, pp. 323-347.
- ALARCÃO, J. de; PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P.; BRUM, P.; SANTOS, F. (2020) – 3.18 Ruínas Romanas de Troia – Casa da Rua da Princesa (Grândola, Portugal)”. In Pizzo, A. (Ed.) – *La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania Romana, Mytra 6*, Mérida, pp. 233-244.
- ALMEIDA, Rui de; PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia. (2014) – Which amphorae carried the fish products from Tróia (Portugal)? In *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta 43* (Catania, 23-30 de Setembro de 2012). Bonn, pp. 653-661.
- Atlante I* (1981) – EAA *Atlante delle forme ceramiche I*. Ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo impero). Roma.
- BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*, BAR International Series 1301. Oxford.
- CASTELO-BRANCO, Fernando (1963) – Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal. Separata da Revista *Ocidente*, vol. 65. Lisboa: Ocidente.
- COSTA, Maria Elisabete Figueiredo (1973) – *Lucernas romanas de Troia de Setúbal (MNA)*. Dissertação dactilografada de Licenciatura em História não publicada. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vol.
- ÉTIENNE, Robert; MAKAROUN, Yasmine; MAYET, Françoise (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Éditions E. de Boccard.

- FARIA, João Carlos (2000) – *Alcácer do Sal ao tempo dos Romanos*. Lisboa: Edições Colibri / Alcácer do Sal: Câmara Municipal.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2010) – Resultados preliminares del estudio de la T. S. Foceense (LRC) aparecida en Vigo (Galiza, España). *Rei Cretariae Romanae Fautores Acta* 41, Bonn, pp. 375-384.
- GARCÍA VARGAS, Enrique; BERNAL CASASOLA, Dario (2008) – Ánforas de la Bética. In Bernal Casasola, Dario; Ribera Lacomba, Albert, eds. – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la Cuestión*, Cádiz, pp. 661-687.
- HAYES, John Walker (1972) – *Late Roman Pottery*. The British School at Rome. London.
- LIMÃO, Filomena (2011) – *Capitéis da Antiguidade Tardia em Portugal (sécs. III/IV–VIII)*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- MACIEL, Justino; PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia – Representação da cruz paleocristã em Tróia de Setúbal. In MACIEL, Justino; LIMÃO, Filomena, coord. – *Horizontes Artísticos da Lusitânia. Dinâmicas da Antiguidade Clássica e Tardia em Portugal*. Séculos I a VIII. Canto Redondo.
- MAGALHÃES, Ana Patrícia (2012) – Late sigillata from fish-salting workshop 1 in Tróia (Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautores Acta* 42. Bonn, pp. 363-371.
- MAGALHÃES, Ana Patrícia (2014) – Uma cetária de Tróia escavada nos anos 50 do séc. XX. *Setúbal Arqueológica* 15. Setúbal, pp. 245-258.
- MAGALHÃES, Ana Patrícia; PINTO, Inês Vaz; Brum, Patrícia (2020) – Late Roman imported pottery in the southwest of Lusitania: the case of Tróia (Portugal). In DUGGAN, Maria; TURNER, Sam; JACKSON, Mark, eds. – *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and Early Medieval Imported Pottery on The Atlantic Seaboard* (International Symposium, Newcastle University, 26-27 Março 2014). *Roman and Late Antique Mediterranean Pottery* 15. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd, pp. 135-150.
- MAIA, Maria Garcia Pereira (1976/77) – Sigillata (paleocristã) cinzenta de Tróia de Setúbal. *Setúbal Arqueológica* 2-3. Setúbal, pp. 411-418.
- MAYET, Françoise; SCHMITT, Anne; TAVARES DA SILVA, Carlos Tavares da (1996) – *Les amphores du Sado: Portugal: prospection des fours et analyse du matériel*. Paris.
- MAYET, Françoise; TAVARES DA SILVA, Carlos (1998) – *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris.
- MORAIS, Rui (2010) – *A coleção de lucernas romanas do Museu de Évora*. Coimbra: CLASSICA INSTRUMENTA.
- MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2014) – La producción de vajillas finas de Bracara Augusta. *Rei Cretariae Romanae Fautores Acta* 43. Bonn, pp. 709-720.
- PEREIRA, Carlos (2014) – Reflexiones sobre el decaer del comercio de lucernas romanas en el Occidente peninsular. *Onoba 2, Revista de Arqueología y Antigüedad*, pp. 191-206.
- PIMENTA, João; SEPÚLVEDA, Eurico de; FERREIRA, Marisol (2015) – Acerca da Dinâmica Económica do Porto de *Urbs Imperatoria Salacia*: O Estudo Das Ânforas. *Cira Arqueologia IV*, pp. 151-170.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia (2010a) – Sondagem junto ao poço da oficina de salga 1 de Tróia. *Conimbriga XLIX*, Coimbra, pp. 133-159.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia (2010b) – Ceramic assemblages from a fish-salting factory in Tróia (Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautores Acta* 41. Bonn, pp. 529-537.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia (2012) – Un depotoir du Ve siècle dans l'officine de salaisons 1 de Tróia (Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautores Acta* 42. Bonn, pp. 397-406.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia (2014) – An overview of the fish-salting production centre at Tróia (Portugal). In Botte, Emmanuel; Leitch, Victoria, eds. – *Fish & Ships. Production et commerce des salsamenta durant l'Antiquité* (Actes de l'atelier doctoral à Rome, 18–22 juin 2012), Bibliothèque d'Archéologie Méditerranéenne et Africaine 17, Aix-en-Provence, Centre Camille Julian : Éd. Errance, pp. 145-157.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia – Tróia na Antiguidade Tardia. In ENCARNÇÃO, Jorge d'; LOPES, Maria da Conceição; CARVALHO, Pedro, coord. – *Lusitânia entre Romanos e Bárbaros*. Coimbra | Mangualde, 2016, pp. 309-333.
- PINTO, Inês Vaz; ALMEIDA, Rui de; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia (2016) – Lusitanian Amphorae at a Fish-Salting Production Centre: Tróia (Portugal). PINTO, Inês Vaz; ALMEIDA, Rui de; MARTIN, Archer, eds. – *Lusitanian Amphorae: production and distribution* (International Congress Lusitanian Amphorae: production and distribution, Tróia, 10-13 October 2013). *Roman and Late Antique Mediterranean Pottery* 10, Oxford: Archaeopress publishing Ltd, pp. 173-194.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia; SANTOS, Filipa (2019) – Problemática em torno da basílica de Tróia. In Tarraco Biennial, Actes 4t *Congrés Internacional d'Arqueologia I Món Antic (VII Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. El Cristianisme en L'Antiguitat Tardana. Noves Perspectives*, Tarragona, 21-24 Nov. 2018). Tarragona, pp. 385-393.
- REYNOLDS, Paul; BONIFAY, Michel; CAU, Miguel Ángel (2011) – Key contexts for the dating of late Roman Mediterranean fine wares: a preliminary review and seriation. In CAU, Miguel Ángel, REYNOLDS, Paul; BONIFAY, Michel, eds. – *Late Roman Fine Wares 1: Solving problems of typology and chronology. A review of the evidence, debate and new contexts* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 1). Oxford: Archaeopress, pp. 15-32.

RIGOIR, Jean (1968) – Les sigillées paléochrétiennes grises et oranges. *Gallia* 26, pp. 177-244.

SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos (2018) – Introdução. Caetobriga: uma cidade fabril e polinucleada na foz do Sado. In SILVA, Carlos Tavares da, coord. – *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos. Setúbal Arqueológica*, Vol. 17, pp. 11-42.

SOUSA, Élvio Melim de; SEPÚLVEDA, Eurico; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol (2008) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 6: conclusões. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, nº 1, pp. 149-161.


SILVA, Carlos Tavares da; COELHO-SOARES, Antónia (2014) – Preexistências de Setúbal. A ocupação romana da Travessa de João Galo, nºs 4-4-B. *Setúbal Arqueológica*, vol.15, pp. 305-338.

SILVA, Carlos Tavares da; COELHO-SOARES, Antónia (2016) – Creiro (Arrábida): um estabelecimento de produção de preparados de peixe da Época Romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 19, pp. 211-234.

VIEGAS, Catarina (2014) – Terra sigillata imports in Salacia (Alcácer do Sal – Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 43. Bonn, pp. 755-764.

VIEGAS, Catarina (2016) – O sítio romano da Comenda: novos dados sobre a campanha de 1977. Sousa, Ana Catarina; CARVALHO, António; VIEGAS, Catarina (eds.) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves. Estudos & memórias (UNIARQ)*, Lisboa, pp. 439-465.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2022

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)